

## ***Sob a fumaça, a dependência: o retrato do território do tabaco a partir do olhar de uma mídia independente***<sup>1</sup>

Vanessa Costa de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo identificar como a Agência Pública retratou o território do tabaco em sua reportagem sobre a produção de fumo no sul do Brasil, especialmente a região do Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. Tem como pressuposto teórico os estudos culturais e faz sua análise a partir de entrevistas e de análise de discurso. Ainda que a proposta do artigo não seja um estudo comparativo, é partir do que se observa na mídia hegemônica regional do Vale do Rio Pardo que se pode identificar a diferença do trabalho da Pública em retratar o território do tabaco, por uma perspectiva crítica, que investiga e apresenta ao leitor aspectos sociais que vão além dos valores arrecadados com a produção de fumo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Agência Pública; Território do Tabaco; Análise de Discurso.

### **Introdução**

Em meio à hegemonia da mídia comercial, surgem propostas de veículos que se autodenominam independentes. O intuito desses veículos é a prática de um jornalismo sem vínculos econômicos, o que possibilita apurar e levar informação aos seus leitores sem a influência de diferentes instituições. Entre essas iniciativas está a Agência Pública de Reportagem e Jornalismo Investigativo. Entre suas proposições está a defesa da produção de reportagens de interesse público.

A Agência *Pública*<sup>3</sup> visa fazer um jornalismo independente, sem fins lucrativos, financiado por instituições internacionais<sup>4</sup> e *crowdfunding*<sup>5</sup>, com conteúdo produzido e distribuído, para a imprensa e para a sociedade, de forma gratuita (PÚBLICA, 2017).

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, espaço e cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestra em Desenvolvimento Regional, pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: nessa.costa.oliveira@gmail.com.

<sup>3</sup> <http://publica.org>

<sup>4</sup> Atualmente a Pública é financiada por três instituições: a Fundação Ford (EUA), a OAK Foundation e a Omidyar Network (Inglaterra). Contudo, no site da agência não se encontram informações contábeis referentes aos valores e sua finalidade. Em pesquisa no site da Fundação Ford, encontrou-se os seguintes valores repassados à agência, nos respectivos anos: US\$99.995 em 2011, US\$ 15.000 em 2012, e US\$245.000 em 2014. De acordo com o site ([www.fordfoundation.org](http://www.fordfoundation.org)), o financiamento é para que a Pública produza reportagens de profundidade, com uma perspectiva de interesse público para a ampla divulgação sob licença *creative commons*.

<sup>5</sup> Iniciativa de financiamento coletivo. A contribuição de pequenas quantias, por muitas pessoas, permite viabilizar determinado projeto. As doações são feitas pela internet.

Ela apresenta como seu objetivo fortalecer o direito à informação, a qualidade do debate democrático e a promoção dos direitos humanos (PÚBLICA, 2017). Em seu processo produtivo, diz prezar pela rigorosa apuração dos fatos e ter como principal critério de noticiabilidade a defesa dos direitos humanos. Suas reportagens, além do apelo nacional, possuem também apelo regional, uma vez que, frequentemente, o foco é em um tema circunscrito regionalmente.

É a partir dessa circunscrição regional que esse artigo<sup>6</sup> tem como objetivo identificar como a Agência Pública, que se apresenta como mídia independente, retrata o território do tabaco, no sul do Brasil, em especial a região do Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, onde a maior parte da investigação selecionada para a análise foi feita. A escolha por esse veículo se justifica dada sua estratégia produtiva que se intitula independente.

Como pressupostos teóricos, esse artigo se ancora nos estudos culturais, mais especificamente no circuito da cultura proposto por Johnson (2010), entendendo que o jornalismo é um produto cultural. O circuito da cultura possui quatro momentos: *reações sociais/culturas vividas, produção, textos e leituras*.

Para esse artigo identifica-se a estratégia produtiva da Pública e o retrato que a agência faz sobre o território do tabaco por meio do momento *textos* do circuito. Como objeto, toma-se a reportagem *Sob a fumaça, a dependência*, publicada pela agência em outubro de 2015. Trata-se de uma investigação dos repórteres Moriti Silva Neto e João Peres. Como técnicas de pesquisa se utilizam entrevistas e análise de discurso. O artigo inicialmente apresenta a trajetória do jornalismo como um fenômeno cultural e na sequência apresenta o território do tabaco e análise dos dados coletados.

## **O jornalismo em um contexto histórico e cultural**

Os campos de estudos da produção cultural e comunicacional, e neles a mídia e o jornalismo, ocupam lugar central no mundo de hoje, uma vez que são vistos como força de mudança histórica, capaz de transformar o cotidiano (HALL, 1997). O jornalismo é entendido como mecanismo cultural, promove a circulação de informação e conhecimento. Estudado, aqui, dentro de uma perspectiva dos estudos culturais, é

---

<sup>6</sup> Esse artigo é parte da dissertação de mestrado da autora, intitulada Desenvolvimento e jornalismo: a estratégia produtiva da Agência Pública na perspectiva da informação como fator de expansão das liberdades.

posicionado, como sugere Hall (1997), como o principal meio de circulação de ideias na sociedade, sustentando circuitos globais de trocas de informação, capital, investimento, produção de bens, produtos e ideias.

Desde os primeiros jornais impressos, no século XVII, o jornalismo passa por mudanças. O que se mantém desde o início é o seu papel de informar e orientar a sociedade, seja por meio de impressos, rádio, TV ou *web*<sup>7</sup>. De uma maneira geral, seu papel recai sobre bem informar os indivíduos de uma sociedade.

Desde o seu aparecimento, o jornal estava muito próximo ao desenvolvimento da economia de mercado. Em seus primórdios, ele servia ao mercado como forma de fazer circular informações sobre exportações e importações. “O jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa” (MARCONDES FILHO, 2000, p.20) e se expande a partir da luta pelos direitos humanos.

Marcondes Filho (2000) elenca quatro fases do jornalismo, além de uma denominada pelo autor como *pré-história*, entre os séculos XVII e XVIII, em que os valores jornalísticos dominantes eram o espetacular e o singularmente novo, como desastres, mortes e seres deformados. Já o chamado *primeiro jornalismo* é apresentado como o da iluminação. Entre o final do século XVIII até metade do XIX foi o jornalismo o responsável por fazer esclarecimentos políticos e ideológicos já que, até então, a manutenção da autoridade e do poder se dava por meio do controle do saber e da informação. Marcondes Filho (2000, p.12) destaca que “nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política”.

O *Segundo jornalismo* (1830-1900) se caracteriza pela imprensa de massa e pelo modelo de grande empresa capitalista. O romantismo da primeira fase dá lugar à produção de notícias em larga escala, do lucro e dos jornais populares e sensacionalistas (MARCONDES FILHO, 2000). A imprensa passa a ser um negócio sintonizado com as exigências do capital, o que fragiliza o modelo de livre pensamento e política. Dadas as necessidades financeiras, também é dessa época a introdução da publicidade nos jornais.

No século XX, o *terceiro jornalismo*, é o da concentração midiática em grandes grupos de comunicação. Marcondes Filho (2000) destaca nessa fase o desenvolvimento da indústria publicitária e de relações públicas, as grandes tiragens e o enfraquecimento do processo mais engajado. Ao justificar esse último, o autor afirma que o jornalismo

---

<sup>7</sup> Com exceção dos impressos, rádio, TV e *web* são mídias que surgiram a partir do século XX.

reflete a modernidade e que, portanto, o fato de o jornalismo ser menos questionador é um sintoma da mudança do espírito da sociedade.

Após a depressão da década de 1930 há o advento da indústria da promoção da comunicação (MARCONDES FILHO, 2000). Essa indústria consiste, conforme explica o autor, na prática de um jornalismo que promove diferentes produtos no próprio texto jornalístico. É uma estratégia de fazer a publicidade passar inconscientemente aos leitores, como se fosse um assunto de interesse público. Para Marcondes Filho (2000, p.29) esse é o quarto e último jornalismo.

A competitividade entre a mídia na disputa do mercado é responsável pelo tipo de produção e conteúdo jornalístico que se tem hoje, ou seja, que prioriza o lucro em detrimento da informação de interesse público (MARCONDES FILHO, 2000), um modelo de jornalismo que, além de comercial, é o convencional, o hegemônico.

A partir de um formato de indústria da notícia, em um modelo de concentração de veículos que irá se chamar aqui de comercial, se estabeleceu ao longo dos anos dentro de um processo histórico cultural. O que não é noticiado por esses grupos, não necessariamente se perde, mas certamente passa despercebido para boa parte das pessoas. Assim, é menos possível que um desses veículos hegemônicos de comunicação faça uma reportagem investigativa sobre empresas privadas, às vezes, inclusive, sobre o próprio poder público, e o assunto, que deveria ser de interesse da sociedade, fica longe dos holofotes da mídia.

Vale relembrar que a própria mídia se desenvolveu dentro de moldes capitalistas históricos e culturais e, portanto, vende informação processada em notícia, o que implica no conteúdo veiculado pelos meios de comunicação. Seus vínculos tanto com o poder econômico, quanto com o poder político, tornam-se cada vez mais estreitos. A globalização acaba sendo um agravante nesse sentido, já que diz respeito à economia e também à sociedade.

No entanto, em diferentes momentos da história recente, no final do século XX e início deste século XXI, observam-se iniciativas que buscam romper com esse tipo de fazer jornalismo. Esse modelo de jornalismo comercial deixa de responder às necessidades de determinados grupos na sociedade. Essas iniciativas mantêm algumas semelhanças com o jornalismo tradicional, mas traz, também, suas diferenças, inclusive entre si.

---

É nesse contexto de projetos de jornalismo que vão na contramão de um modelo comercial que surge, em 2011, a Agência Pública, com a proposta de um trabalho sem fins lucrativos, com a apuração de pautas relacionadas ao interesse público e aos direitos humanos, que terminam em grandes reportagens que podem ser republicadas por qualquer veículo de comunicação.

### **O território do tabaco no sul do Brasil**

A pesquisa tem como recorte a reportagem *Sob a Fumaça, a dependência*, que apresenta como foco um dado território, qual seja, o território do tabaco. O tabaco chegou ao Sul do Brasil no século XIX com a vinda de famílias de imigrantes italianos e alemães que colonizaram a região com a gradativa produção colonial, onde se cultivou, entre outros, o fumo. A planta passou a ter destaque na economia mercantil dessas áreas e, nas décadas seguintes, de acordo com Silveira (2013), possibilitou o desenvolvimento de empresas locais de processamento de tabaco e fabricação de cigarro, principalmente nos municípios gaúchos de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. A produção de tabaco, que coloca o Brasil, na atualidade, em segundo lugar no ranking de produção mundial da planta, atrás apenas da China (AFUBRA, 2015), é realizada, desde os primeiros colonizadores que trouxeram a cultura até a contemporaneidade, majoritariamente em pequenas propriedades familiares, sob o controle hegemônico do capital multinacional.

Toma-se o território do tabaco como parte da região Sul do país, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, mas o foco é voltado à região do Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, por duas razões. A primeira delas diz respeito à relevância que esses municípios possuem nesse território, dada sua expressiva participação na produção de tabaco no Brasil, sendo sede de multinacionais fumageiras, o que intensifica as evidências da força dessa cultura na região. O segundo motivo está vinculado à reportagem da Pública que, apesar de ter sido produzida tanto em municípios do Rio Grande do Sul, quanto do Paraná, foi no VRP em que a pesquisadora pode acompanhar mais de perto a investigação da pauta.

Das 712.610 toneladas de tabaco produzidas no Brasil na safra 2015/14, 697.650 foram na região Sul, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (ANUÁRIO BRASILEIRO DO TABACO, 2015), o que constitui mais de 97% da

produção. Dado o destaque do sul do país, se estabelece na região o que se chama nessa pesquisa de território do tabaco.

É preciso, no entanto, ir além dos expressivos números. Etges (2005) avalia que a riqueza gerada com a produção de tabaco deveria contribuir para o desenvolvimento regional. A partir de dados do Vale do Rio Pardo, afirma que o que se observa é bem diferente: apenas 36,15% de toda a renda produzida ficam na região, atrás, inclusive, da média do estado, que é de 50,99% de acordo com a pesquisadora. O mesmo se observa em toda a região Sul. Dutra e Hilsinger (2013) destacam que a expansão e a qualidade da produção de tabaco no sul do país são acompanhadas de uma crescente subordinação econômica e dependência tecnológica dos produtores em relação às empresas multinacionais que dominam o mercado do tabaco mundial e controlam, de forma hegemônica, todo o processo de agroindustrialização do produto.

As práticas territoriais interferem não apenas na economia e na articulação política dos municípios, mas nas *relações culturais* que se estabelecem, como por exemplo, o trabalho da imprensa, que reflete as contradições existentes nesse território. Apesar desse artigo não propor uma comparação entre o trabalho realizado pela *Pública* com a imprensa do território do tabaco, se faz necessário tal contextualização.

Diante de tal territorialidade, para ficar no caso do Vale do Rio Pardo, a mídia regional executa pautas que enaltecem a produção de tabaco na região e o mostra como a melhor, e muitas vezes única, opção aos agricultores. Observa-se que as notícias, ou reportagens, são, em sua unanimidade, com foco econômico, em que se dá ênfase às grandes arrecadações geradas pela atividade; e no contrabando, em que se faz uma discussão da negatividade desse tipo de crime para o setor fumageiro.

Não se encontra nas páginas dos jornais, nos noticiários de rádio e TV ou nos portais de notícias textos jornalísticos que investiguem questões polêmicas como a dependência econômica da região e as alternativas existentes, ou ainda reflexões acerca dos malefícios causados a saúde das famílias produtoras, para ficar em apenas dois exemplos. A imprensa hegemônica da região, portanto, diante de tal territorialidade, dificuldade um olhar crítico sobre a questão do tabaco na região.

---

### ***Sob a fumaça, a dependência: o olhar da Pública sobre o território do tabaco***

A pauta *Sob a fumaça, a dependência* recebeu o financiamento da ONG ACT (Aliança de Controle ao Tabagismo). Isso se dá dada as características de funcionamento da Pública, que tem suas reportagens custeadas, dentre outras maneiras, por meio de outras organizações. Com o financiamento, a pauta foi desenvolvida em Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, durante o ano de 2015.

Parte da pauta havia sido apurada nos municípios de Rio Azul, Palmeira e São João do Triunfo, no Paraná, há cerca de quatro anos, muito antes de os jornalistas a proporem para a Agência Pública e receberem o financiamento da ACT. Isso se deu devido a característica independente do trabalho dos repórteres Moriti Silva Neto e João Peres<sup>8</sup> que, anteriormente, tiveram orçamento para apurar apenas parte da reportagem, retomando a pauta, e as investigações, por meio do financiamento recebido da Agência Pública.

Soube-se da investigação sobre o tabaco na região do Vale do Rio Pardo por meio de contato com a Pública, no primeiro semestre de 2015. Na sequência foi feito contato com um dos jornalistas com quem se manteve contato durante a produção da reportagem. A primeira entrevista com o jornalista Silva Neto foi realizada na sua chegada em Santa Cruz do Sul, em 1º de setembro de 2015, no intuito de coletar dados com relação à pauta e ao planejamento da apuração. A entrevista ocorreu antes de o jornalista iniciar a apuração na região. Outra entrevista com Silva Neto ocorreu via *Skype*, no dia 30 de setembro, para obter informações sobre como foi o processo de apuração durante os dias em que ficou hospedado em Santa Cruz do Sul.

### **A reportagem da Pública no Vale do Rio Pardo - RS**

Ainda que esse artigo se proponha a analisar o momento *textos* do circuito da cultura proposto por Johnson (2010), é preciso considerar o que o autor diz em relação a integralidade do processo de produção cultural. Ou seja, o olhar sobre o momento *textos* deve ser vigilante ao fato de que o momento anterior, o da *produção*, tem influência direta sobre *textos*.

---

<sup>8</sup> Os jornalistas não fazem parte do quadro fixo de repórteres da Pública. Eles são considerados jornalistas colaboradores.



---

Ressalta-se o fato desta reportagem ter recebido o financiamento da ACT, uma ONG de combate ao tabagismo. E, de acordo com Silva Neto (2015a), sem que houvesse nenhuma observação quanto à angulação da reportagem. Destaca, ainda, que se trata de uma política da própria *Pública*, desde seu estatuto, não aceitar intervenção das instituições que financiam as pautas. Tendo sido, esse processo, também muito transparente junto a ACT.

Na etapa de produção, em que o produto cultural, ou seja, a reportagem, é produzida, tem-se, pelo menos, três momentos: a pré-apuração, a apuração e a redação da reportagem. No primeiro, é quando o repórter elabora a pauta e pesquisa sobre o assunto, a fim de buscar subsídios para a apuração. Também é o momento de fazer alguns contatos com possíveis fontes.

Antes mesmo de conversar com as famílias produtoras de tabaco no Vale do Rio Pardo, com representantes sindicais, pesquisadores e instituições representativas nesse contexto, Silva Neto, a partir das informações obtidas na etapa de pré-apuração, questionava a situação da saúde dos produtores e de sérios problemas econômicos pelos quais passavam.

Ao explicar a pauta, Silva Neto (2015a) cita a perspectiva do desenvolvimento regional, da baixa diversificação da economia e consequente dependência econômica da produção de tabaco. A influência do capital estrangeiro, o desequilíbrio econômico entre indústria e produtores, o endividamento do agricultor e questões políticas também são mencionadas. E ainda, casos mais pontuais, como o do Pronaf<sup>9</sup>, o alto índice de suicídio na região, a falta de cuidado do produtor com sua saúde, bem como dificuldade de organização e a pouca atenção que recebem por parte das políticas públicas.

A pesquisa e a elaboração da pauta são processos que caminham juntos. A pesquisa, principalmente, é um trabalho que ocorre antes e depois da elaboração da pauta, como ficou evidente na fala do jornalista. Num primeiro momento, ela busca elementos que justifiquem e auxiliem na construção da pauta e na angulação que a reportagem vai tomar e, depois, como um método de coleta de informações, em um processo de apuração, de fato.

---

<sup>9</sup> O jornalista se refere aos desvios de recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). A chamada Operação Colono apontou que 5,7 mil agricultores do Vale do Rio Pardo foram lesados por um esquema supostamente operado por uma entidade que intermediava financiamentos com o governo federal, a Associação de Pequenos Agricultores Camponeses (Aspac), braço jurídico do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Ao todo, R\$ 9,9 milhões teriam sido desviados.



Durante a pré-apuração se planejou que o intermédio com as famílias produtoras de tabaco a serem entrevistadas fosse feito por meio de entidades representativas, essas sim, já contatadas antes do campo. Para não depender apenas das entidades sindicais e ter alternativas para além das sugeridas por eles, há indicação sobre as famílias também por parte dos pesquisadores e de pessoas que trabalham com os direitos humanos, como o Movimento de Justiça e Direitos Humanos de Porto Alegre (SILVA NETO, 2015b).

Silva Neto (2015b) entrevistou nove famílias produtoras de tabaco durante os cinco dias em que esteve fazendo a apuração no Vale do Rio Pardo. As entrevistas foram feitas nas próprias propriedades das famílias, nas quais o jornalista chegava por intermédio ou indicação de alguma fonte. Nas primeiras famílias foi acompanhado de alguma representação sindical ou de lideranças de movimentos sociais, em outras, foi sozinho. As entrevistas constituíam em longas conversas, de acordo com o jornalista e, assim, era possível observar as contradições no discursos.

É importante observar que as opções feitas pelos repórteres e editoras no momento de produção refletem no resultado final da reportagem, ou seja, no retrato feito do território do tabaco e, antes disso, no tipo de informação que conseguem coletar. Delimitar as pautas em torno dos direitos humanos, junto de um tipo específico de angulação dada pela *Pública* – ter um olhar de baixo para cima, ou seja, ouvindo os movimentos sociais, as pessoas, as comunidades locais, as pessoas que são afetadas para daí entender a complexidade da situação e buscar os outros atores como empresas e governos – leva o repórter a determinadas fontes. As fontes, por sua vez, possuem um tipo de leitura da realidade. Porém a realidade é múltipla, permite diversas interpretações, que se relacionam às concepções de mundo e às posições dos sujeitos no processo social. Ou o que, no circuito da cultura de Johnson (2010), entende-se por *culturas vividas e relações sociais*.

Duas características da *Pública* ficam claras aqui: o modelo chamado de independente oferece recursos financeiros reduzidos para a apuração da reportagem, o que impossibilitou, de acordo com o repórter, que fontes oficiais fossem entrevistadas; e também a valorização das histórias contadas a partir dos seus personagens, em geral à margem, no caso, os produtores de tabaco, e não os representantes da indústria, do poder público e dos sindicatos, que tem espaço garantido nos veículos hegemônicos.

No que diz respeito ao momento *textos* do circuito da cultura de Johnson (2010) optou-se pela análise de discurso a fim de identificar o retrato do território do tabaco

feito pela Pública. Para isso, buscaram-se marcas na reportagem que evidenciassem Formações Discursivas. As FDs permitem compreender como ocorre a produção dos sentidos e possibilita que o pesquisador estabeleça regularidades no funcionamento do discurso (ORLANDI, 2003, p.43). Cada formação discursiva é composta por sequências discursivas (SDs) que dão sentidos ao texto.

Identificaram-se as formações discursivas apresentadas na sequência, que foram numeradas e nomeadas indicando o seu sentido principal. No que diz respeito aos sentidos presentes na reportagem, foram dez as FDs, com inúmeras SDs em cada uma delas. Buscou-se observar FDs que apresentassem sentidos amplos, a fim de dar conta de todo o conteúdo da reportagem. Elas serão apresentadas na sequência, na ordem em que foram identificadas no texto e com o destaque de algumas SDs.

A primeira FD identificada é a *Diversificação de cultura* (FD1). Enquadrou-se aqui, discursos que de maneira explícita, ou não, buscaram mostrar a possibilidade não apenas de trocar a cultura do tabaco por outra, como também diversificar a cultura nas propriedades, como mostram algumas SDs a seguir. Utiliza-se o grifo em negrito para destacar as marcas que configuram a formação discursiva.

Hoje, as terras dos Richter **não têm um só pé de fumo. Os jovens produzem morango, hortaliças, temperos.** Entregam em feiras e para iniciativas de compras públicas, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). Na busca por diversificar receitas, também vendem a professores da Uergs. (SD4). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

Foram observadas 10 sequências discursivas na FD1, que tratou sobre a diversificação de culturas no que toca a relação de agricultores do sul do Brasil com a produção de tabaco. A análise de discurso, quando se propõe identificar os sentidos do texto, pressupõe que as formações discursivas são decorrência de uma estrutura externa ao texto (BENETTI, 2007).

A FD2 é sobre a *etnia germânica* preponderante na região do Vale do Rio Pardo, onde parte da pauta foi apurada, e região que integra o território do tabaco, que está diretamente relacionada aos primórdios da produção de tabaco na região. Ainda que a FD2 tenha apresentado menos SDs perante as outras, apenas 4, ela é trazida para o contexto de análise dada sua importância em determinadas discussões feitas no texto.

A **ascendência é germânica**, algo que fica exposto no **sotaque**. Os antepassados chegaram ao Brasil durante o grande fluxo imigratório no século 19, caso da maioria das pessoas que mora na região do Vale do Rio

Pardo, no interior do Rio Grande do Sul, especialmente nos municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. (SD1). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

A *dependência produtiva* foi identificada como a FD3, com 11SDs. Nessa formação discursiva foram observadas marcas relacionadas à produção de tabaco e, mais especificamente, a dificuldade que as famílias de agricultores possuem em abandonar essa cultura, por inúmeros fatores. Consequentemente, evidencia a dependência econômica gerada pelo setor.

“Qual é a cultura que tem garantia de compra? É o fumo. Por mais que seja ruim a relação, o agricultor plantou, sabe que vai vender.” A fala de Paulo Perna resume o que pensam muitos agricultores, inclusive Lídia: **como escapar a essa cultura do fumo?** Quando se escapa, acaba-se expulso. (SD6). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

Outra FD, a quarta, também abarca a questão da dependência, mas dessa vez a *dependência cultural*. De acordo com o discurso da reportagem, além das questões econômicas e dos contratos com as indústrias do tabaco, que acabam aprisionando o agricultor, existe ainda a questão cultural na produção. Ou, em outras palavras, o fato de a produção de tabaco ser característica da região e estar nas famílias por muitas gerações. Identificaram-se 9SDs na FD4.

Talvez as propriedades antigas que guardam **lembranças dos avós e bisavós**, ou mesmo de **antepassados mais distantes** que **iniciaram as lavouras de tabaco** expliquem. Ali, o trabalho está **cravado em mentes e corpos como parte da genealogia**. Idosos, jovens e crianças. Mulheres e homens. A **herança** faz com que **gerações sigam a espalhar o monocultivo das folhas de fumo por quilômetros de solo**. (SD3). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

Uma das formações discursivas que teve mais sequências foi a FD5 *Suicídio*. Logo na apresentação da reportagem, Venâncio Aires, município do Vale do Rio Pardo, é apresentado como um dos líderes em suicídios no país. O assunto ganha, inclusive, um dos subtítulos da reportagem, o que denota a importância que a informação ganha no texto. Foram identificadas 16SDs, das quais algumas são destacadas abaixo.

“[...] Pensei várias vezes em **acabar com a minha vida**, mas continuo aqui pelas minhas filhas”. (SD15). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

O *trabalho infantil* também foi uma formação discursiva com bastante evidência na reportagem, sendo identificado com a FD6, com 15SDs. A prática, apesar de ilegal hoje em dia, estava implícita nas falas dos entrevistados, fosse ao lembrar o passado dos adultos ou mesmo dos jovens.

Além disso, **9% dos filhos abaixo de 12 anos contribuem na lavoura**. Outros estudos da Unisc indicam que **as crianças sofrem mais que os adultos com os agrotóxicos** e citam déficit de crescimento e de cognição, além de desnutrição, como **consequências do trabalho infantil nas plantações de fumo**. (SD14). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

Uma das grandes motivações da reportagem, de acordo com Silva Neto (2015a), era relacionada à *saúde* das pessoas que trabalham nas lavouras de fumo. Não casualmente, por tanto, essa foi a FD7 encontrada, com 10SDs. A FD7 aparece na reportagem tanto associada a doenças causadas pela própria folha de tabaco, quanto pelos agrotóxicos utilizados na plantação e, também, diretamente ligado ao suicídio, uma formação discursiva já abordada.

[...] Glacy é **quem sente mais**. E revela **os males que lhe atacam o corpo**. Ela não o faz, contudo, em tom de desabafo. Conta a situação quase como uma confissão de culpa. [...] **“Fico ruim se colher fumo molhado de sereno. Tenho ânsia de vômito, dor de cabeça, acabo de cama. É a nicotina [liberada pela folha], acho, quando a folha do tabaco está verde.”** (SD8). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

A reportagem da Pública reflete sobre a produção de tabaco pelo viés humano e, portanto, aborda o tema na perspectiva dessa preocupação com os sujeitos e suas condicionalidades. A FD8 constitui o principal aspecto do texto, *o desequilíbrio* entre produtores e indústrias, sendo observada em 22SDs.

[...] Além de **acorrentados ao sistema integrado**, os pequenos agricultores são **reféns dos métodos das fumageiras no que se refere ao ritmo de mercado** e aos preços do fumo. E as empresas têm peso político. (SD16). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

É possível observar pelos trechos destacados, que a abordagem do *desequilíbrio* feita pela reportagem, não é apenas no sentido econômico, mas também humano e de trabalho. A reportagem evidencia um sentido de poder total por parte da indústria fumageira, que retém a maior parte dos lucros e que, para isso, também coloca o produtor de tabaco dentro de um sistema do qual é difícil sair, como os próprios

relataram. Para isso, o texto apresenta dados das principais entidades do setor, bem como entrevistas com pesquisadores e juristas que auxiliam a construir o sentido de que o território do tabaco é uma região dependente da produção de fumo e, conseqüentemente, da sua indústria, bem como possui sérios problemas de saúde em decorrência desse sistema.

A reportagem apresenta ainda mais duas formações discursivas: a FD9, com três longas seqüências discursivas, mostra ao leitor como funciona o *processo de produção do tabaco*; e a FD10, com 5SDs traz informações sobre os *contratos* firmados entre empresas e agricultor.

**O trabalho é todo manual**, delicado. Não há mecanização que possa assessorar o produtor. Geralmente **em maio, no caso gaúcho, inicia-se a feitura dos canteiros, o que dura até junho. De julho a setembro, milhares de mudas são plantadas**, uma a uma. Na seqüência, vem o **ciclo de manutenção e a aplicação de agrotóxicos**. [...] (FD9 – SD2). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

É assim que se constrói a cadeia que coloca os pequenos produtores na condição de empregados na própria terra, num esquema imposto pelas empresas. Tal lógica persegue, realmente, a previsibilidade e a segurança, mas não para o trabalhador do campo. **As garantias são voltadas para o cumprimento dos contratos de exportação de fumo em folha com o mercado internacional**. [...] **O ritual de assinatura dos contratos se repete todos os anos**. [...] (FD10 – SD4). (PERES; SILVA NETO, 2015, p.1).

Identificar as formações discursivas na reportagem não diz apenas dos sentidos presentes nos textos e das informações que foram levadas ao leitor. As FDs também mostram os reflexos dos demais momentos do circuito no *texto*, especialmente com relação às *condições de produção* e a própria *produção*. Mesmo que em algum momento, como se mostrou nos trechos destacados, a reportagem apresente os números em relação às exportações e lucros gerados pela produção de tabaco, de uma maneira geral, o que se observa, é uma coerência no que diz respeito às condicionalidades de trabalho apresentadas pela agência, bem como com a proposta de pauta, o planejamento e a apuração de campo.

### Considerações finais

O artigo buscou analisar o retrato feito do território do tabaco, no sul do Brasil, pela Agência Pública, por meio da identificação dos sentidos nas formações discursivas

encontradas na reportagem *Sob a fumaça, a dependência*. No momento *textos*, inserido no circuito da cultura, a reportagem levou ao leitor informações sobre a dependência que o produtor, e o território, possuem com a produção de fumo e a influência das relações trabalhistas estabelecidas entre produtor e indústrias de beneficiamento do fumo.

Nesse sentido, também, a estratégia da *Pública* se diferencia dos veículos hegemônicos, nos quais não se observa a discussão crítica sobre o assunto, possivelmente em decorrência da cultura regional, bem como de suas relações políticas e econômicas. Isso se evidencia a partir das fontes entrevistadas pela *Pública* para a reportagem. Se, na mídia hegemônica, as fontes oficiais são ouvidas rotineiramente, a agência propõe ver o outro lado, a partir das fontes individuais, que permitem um olhar sobre a realidade através de outra perspectiva. Uma perspectiva crítica, dificultada pela mídia hegemônica, que possui suas amarras.

O artigo mostrou que a agência *Pública* circula em território nacional, mas dá visibilidade para os territórios, por meio de suas pautas regionalizadas. Quando a *Pública* vai até os territórios produzir suas reportagens investigativas ela dá visibilidade a esses lugares, às suas temáticas e aos seus problemas e assim oportuniza que essas questões se tornem de conhecimento da opinião pública, o que não ocorre por parte da mídia regional que, em razão do seu modelo de gestão comercial e de conteúdo, não permite que isso ocorra.

Emergiu, ainda, que se faz necessário repensar a organização midiática no país. Os veículos hegemônicos - aqueles que informam e formam a opinião pública, concentrados em conglomerados de comunicação - acabam, muitas vezes, não dando conta de seu compromisso público de informar, de forma plural, a sociedade. Iniciativas contemporâneas de jornalismo, como a *Pública*, identificam que boa parte do problema está na relação de dependência econômica que se estabelece veículos e anunciantes e busca maneiras alternativas de sustentabilidade.

## Referências

AFUBRA – ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES BRASILEIROS. 2015. Disponível em: < afubra.com.br>. Acesso em: 12 ago. 2016.

ANUÁRIO BRASILEIRO DO TABACO 2015. Santa Cruz do Sul: *Editora Gazeta*, 2015. Disponível em: < <http://www.editoragazeta.com.br/produtos/categoria/agronegocios/>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

DUTRA, Éder J.; HILSINGER, Roni. A cadeia produtiva do tabaco na região sul do Brasil: aspectos quantitativos e qualitativos. *Geografia, Ensino e Pesquisa*, Santa Maria, v.17, n.3, p.17-33, 2013. Disponível em: <[https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view File/12490/pdf](https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/File/12490/pdf)>. Acesso em: 9 set. 2016.

ETGES, Virgínia Elisabeta. Desenvolvimento Regional sustentável: o território como paradigma. *REDES*, Santa Cruz do Sul, v.10, n.3, p.47-55, set/dez. 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Cultura, Mídia e Educação - Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n 2, p 15-46, jul./dez. 1997.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, os Estudos culturais?. In: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMSN, Norma. *O que é, afinal, Estudos culturais?*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Kacker editores, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

PERES, João; SILVA NETO, Moriti. Sob a fumaça, a dependência. *Agência Pública*. 2015. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/10/sob-a-fumaca-a-dependencia/>>. Acesso em: 26 out. 2015.

PÚBLICA. *Sobre*. 2017. Disponível em:<<http://PUBLICA.org/quem-somos/#sobre>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SILVA NETO, Moriti. *A construção da pauta e o planejamento da apuração em campo para a reportagem Fumo, Fogo e Fumaça*. Entrevistadora: V.C. Oliveira, 2015a. Arquivo de áudio digital (1h20min). Entrevista concedida à pesquisa *A estratégia produtiva de uma agência de reportagens na perspectiva da informação como fator para o desenvolvimento*.

\_\_\_\_\_. *A apuração de campo para a reportagem Fumo, Fogo e Fumaça*. Entrevistadora: V.C. Oliveira, 2015b. Arquivo de áudio digital (1h14min). Entrevista concedida à pesquisa *A estratégia produtiva de uma agência de reportagens na perspectiva da informação como fator para o desenvolvimento*.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). *Tabaco, sociedade e território: relações e contradições no sul do Brasil*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013.